

Casa e ermida de Belem na ilha de S. Miguel. — Gravura de Coelho Junior.

AÇORES.

ILHA DE S. MIGUEL.

Se a idéa inicial da Companhia de Jesus não foi o que a perdeu, a idéa que de certa epocha em diante a dirigia absolutamente, inclinando-a para a dominação mundana e material, a indispoz e fez suspeita aos poderes civis, até provocar o golpe mortal que em toda a Europa lhe deram, na ultima metade do seculo XVIII.

Póde dizer-se que os jesuitas tinham descoberto a arte de fazer fortuna em pouco tempo, onde quer que appareciam, por meios, ou ignorados, ou de não facil comprehensão aos espiritos communs, que não penetram além das apparencias.

Estabelecidos nas ilhas dos Açores em fins do seculo XVI, o seu dominio territorial era já de superior significação quando em 1756 foram extinctos.

Na ilha de S. Miguel, poucos em numero, mas multiplicados pelo alcance dos privilegios que todos os dias iam obtendo da auctoridade publica, ou que elles mesmos se sabiam crear por meio de combinações felizes, os jesuitas possuiam muitas vivendas, muitas terras, muitas riquezas. Em Ponta-delgada, capital da ilha, o collegio, cuja reconstrucção, quando foram expulsos, não tinham concluido, era fabrica magestosa e perduravel, que se conserva, para admiração de todos, convertida em residencia ordinaria do mui rico proprietario Nicolau Maria Raposo do Amaral, a quem a propria egreja serve de capella particular. Tinham casas de campo e predios rusticos, que pelos fundamentos que levavam promettiam vir a ser de grande importancia, no celebre valle das Furnas, na Fajan-de-cima, em Rosto-de-cão, etc.

A nossa gravura, feita por um esboço tirado muito á pressa em 1842, representa a casa de campo e ermida, que tinham a meia legoa da cidade de Ponta-delgada, n'um sitio, que da invocação da ermida tomára o nome de Belem, em logar elevado e aprazivel, não mui distante da costa do mar, ao sul, entre duas estradas principaes, a da Panchina, que por este lado segue por todo o litoral da ilha e se bifurca para a Ribeira-grande, e logares sequentes ao nordeste; e a do Egypto, ao norte, que segue pela Abelheira para logares áquem da mesma Ribeira-grande na costa septentrional.

O edificio, todo construido solidamente, e de abobada, assenta n'um grande plano, sobranceiro a um como valle, que lhe fica ao occidente da frente principal; valle occupado por tres distinctas quintas ou plantações de larangeiras, e outras arvores de fruta e sombra. Para ellas se desce por commodos lanços de escadaria em frente do arco que se vê na estampa. Para ir procurar a entrada e escada do edificio, praticada no vertice do angulo recto, que para a esquerda, com a parte do edificio que aqui se vê, vem formar outro corpo da mesma vastidão e architectura, é preciso transpor o arco, d'este para o outro lado. A ermida olha para o sul.

Afóra as quintas da baixa occidental, todo o mais terreno que se estendia para os outros lados, principalmente para o nordeste, era vinhedo, plantado sobre vastos campos de *biscouto,* ou pedras soltas, fragmentos de correntes de lava, que em epochas remotas cobrira aquellas zonas.

Na parte terrea do edificio, com o qual algumas construcções ligeiras, que serviam de abegoaria e lagares, fechavam uma figura quadrilatera, havia, além do corpo da ermida e sacristia, occupando o espaço até ao arco, a casa do refeitorio, de 25 pés de comprido sobre 12 de largo, no extremo opposto á ermida, e na parte que por detraz do refeitorio corria, fazendo com a frente, que a gravura representa, angulo recto, tinham lavatorio, cozinha, fornos, despensas, etc.

No andar superior, além do corpo da ermida em todo o espaço á direita do arco, ha, na frente que se vê, duas grandes salas, uma occupando as duas janellas por cimá do arco, e outra as tres restantes á esquerda. No outro corpo, dividido a meio por um corredor longitudinal, tem tres cellas a cada lado, etc.

A ermida, como dissemos, é da invocação da Senhora de Belem. Tem 22 pés de comprido sobre 14 de largo. Por cima do altar ainda conserva em relêvo a inscripção evangelica

INVENIETIS. INFANTEM
POSITUM. IN. PRÆSEPIO.

Pelo exterior da varanda geral é que se entra no coro da ermida, e d'elle, por uma escada praticada no grosso do frontispicio, se sobe para o terraço, que cobre todo o edificio n'uma superficie de mais de mil pés quadrados.

Toda a madeira alli empregada era brazil, que resistira a quasi um seculo de abandono.

Passando todas as propriedades dos jesuitas, depois da sua expulsão, a mãos particulares, quando este predio passou a ser ultimamente do primeiro barão das Larangeiras, foi que todo elle começou a sair do commisso em que jazia. Os vinhedos extenderam-se e melhoraram; as quintas tomaram novo e melhor aspecto; por toda a parte se abriram largas ruas para embellezamento, e serviço da fazenda. A nova rua aberta desde a estrada do Egypto até ao pateo do edificio, é notavel pelo seu comprimento, alinhamento, largura, e arborisação. A alma do barão era em verdade grande; o seu talento administrativo admiravel. Quem sabe o que Belem seria hoje, se a morte o não tivesse arrebatado em 1846? Um filho, e um neto, (este enteado d'aquelle pelas segundas nupcias de sua mãe) herdaram este predio. Deve entretanto confessar-se, que nas mãos dos novos possuidores, a fazenda e a habitação progridem nos melhoramentos de que são dignos pela feracidade do terreno, pela amenidade da situação e extensão de suas pittorescas vistas de terra e mar.

COSTUMES AMERICANOS.

A juventude, que em si reune a um tempo tanta confiança e tanta desconfiança, é a edade das susceptibilidades. Se enthusiasmo e timidez se dão mal com a galhofa, só com os annos se aprende a ser soffredor. A experiencia é que dispõe a isso, mais a convicção do que se vale, mais a perda de muitas illusões, mais o espirito de justiça, que leva a reflectir sobre si mesmo.

Isto é verdade, tanto de povos, como de individuos.

Entre todos aquelles se distingue o americano, pela sua susceptibilidade com os viajantes, que ousam critical-o, ou tomar d'elle assumpto para rir. Mistress Trollope póde fallar a este respeito, assim como o proprio Carlos Dickens, que aqui e alli soltou redea ao bom humor, nas suas *American notes for general circulation*. Em vão tomou toda a casta de precauções e distincções. Quando se piza o solo dos Estados-Unidos, e se passa (graças ao proprio dinheiro) ao estado de hospede, é violar as leis da hospitalidade, é ingratidão, é traição, maldizer a gente que nos recebe em sua casa. Resulta d'isto que tanto mais observações se fazem, tanto mais se deve renunciar ao direito de criticar, e é por ter desconhecido a força d'este raciocinio, que Carlos Dickens perdeu, nos Estados-Unidos, uma parte da popularidade que o seu tão sympathico caracter lhe devia assegurar em toda a parte.

Concebe-se que não é sem temor que entrâmos n'esta espinhosa materia. Nunca estivemos nos Estados-Unidos, e não podêmos ser pessoalmente accusados de complices n'essa querella dada pelo amor proprio contra o bom humor. Descarregâmos por isso toda a responsabilidade na recente e interessantissima publicação de Oscar Comettant, *Trois ans aux Etats-Unis*. N'uma residencia de tres annos póde-se formar opinião a respeito d'um paiz. De mais, as observações de Comettant tem um caracter de moderação e imparcialidade, que o conservam a distancia do duplo escolho, contra o qual tem ido naufragar tantos dos seus predecessores, a tentação de rir, ou o proposito de desagradar.

Entremos com elle em Nova-York. Paremos em Broadway, a grande arteria da cidade, por onde circula incessantemente um vae-vem de peões e carruagens. É ainda mui cedo: os homens afadigados, que no passeio disputam quem andará mais depressa, são negociantes. Desde o caixeiro mais humilde até ao commerciante mais rico, qualquer que seja a estação e o tempo que faça n'esta cidade, que em ponto de climas reune todos os extremos, todos se levantam ás sete horas da manhã. Para os que tem somno pesado ha um despertador matinal infallivel: não é simplesmente uma pendula, como d'este lado do Atlantico; é a propria cama a encarregada da missão, e não se contenta, como a primeira, de estrugir, mais ou menos tempo, os ouvidos, mas chega na bulha que faz, ás proporções de infernal *charivari*. Se se resiste á primeira advertencia, recebe-se segunda mais energica: se ainda, a despeito de tudo, a preguiça nos prende entre os lençoes, a cama recorre então a argumento irresistivel, e começa a dar choques, que obrigam a deixal-a.

Assim, ás sete horas e meia, diligentes e preguiçosos, todos almoçam, e todos, pobres ou ricos, tomam o mesmo almoço, composto invariavelmente d'uma lasca de presunto, ou carne assada fria, com uma taça de chá ou café com leite. As oito horas todo o mundo está na rua; e ás oito horas e meia nas suas occupações, isto é, nos seus escriptorios.

O escriptorio participa do sentimento de egualdade, que reina n'quelle paiz democratico. A habitação do negociante rico reune todo o luxo e conforto appetecivel; mas o seu escriptorio é geralmente o contrario d'isso. N'um quarto miseravel e sombrio, uma escrevaninha incómmoda, algumas cadeiras de palha arremendada, uma desgraciada penna d'agua, e uma má bacia para lavar as mãos, muitas poltronas de couro verde, com o sêllo caracteristico do zelo a da assiduidade dos caixeiros no trabalho do patrão, tal é o escriptorio e toda a sua mobilia. O homem de negocio, diz-nos Comettant, priva-se alli, por systema, de toda a especie de conforto. Suppõe provar assim a seriedade do seu caracter. Quer, além d'isso, lisongear d'este modo os pequenos commerciantes que com elle vem tratar. É inconcebivel, mas verdade, que os traficantes gostam de encontrar nos homens de negocio, que sabem que são ricos, a apparencia da miseria, e o affectado desdem do luxo. Taes contrastes ferem a imaginação de uns e outros, inspiram a cobiça, e provocam as approximações. Um homem de negocio que tivesse um escriptorio commodo e aceiado; bem arejado, bem mobilado; que usasse de linguagem polida e agradavel, e tivesse maneiras cortezes, contentaria muito menos os clientes, e faria muito menos negocio, que um pedante, encolhido sobre uma velha poltrona de couro, despachando todos com tom breve e indifferente. Este tom, estas maneiras, esta linguagem, estes miseraveis moveis de escriptorio, quando é sabido que o pedante tem casa sumptuosa em que vive com a familia, agradam muito ao freguez, que acha este modo de ser o unico conveniente a um verdadeiro homem de negocio.

E quem é que não é homem de negocio no norte dos Estados-Unidos? Os proprios rapazes o são, e as mulheres o desejariam ser. — «Nos Estados-Unidos não ha rapazes; o que ha são pequenos homens de negocio, e jovens empregados. Conheci um excellente caixeiro que tinha doze annos, e diariamente andava em cobrança de sommas consideraveis; rapazitos graves, a quem de certo n'outra parte não ousariam confiar alguns reaes. Pretendei enganal-os, se sois capaz! Parece que sabem já contar no ventre materno.» Isto é pelo que toca aos rapazes. A respeito das raparigas, continúa Comettant: —

«Achava-me um dia em companhia de uma joven senhora, bella com a correcta e angelica belleza das vinhetas inglezas. Versava a conversação sobre os privilegios de que as mulheres gozavam na America, privilegios que nascem, tanto da protecção das leis, como de certa galanteria e extrema tolerancia dos americanos para com as mulheres.

— «É verdade, me disse ella, geralmente somos mui felizes na America; entretanto quizera antes ter nascido homem.

— «Teria sido uma pena, lhe tornei. Mas porque terieis querido fazer parte da mais feia metade do genero humano?

— «Porque? exclamou ella com vivacidade: e ousaes perguntar-m'o?

«N'este momento vi que aquellas bellas feições se animavam. Os olhos azues tomaram, sob as longas pestanas pretas, ar inspirado. Toda ella parecia estar encantada por um grande e poetico pensamento. Esperava ouvir dizer, que desejava ser homem para commandar exercitos, dirigir esquadras, brilhar na tribuna ou no pulpito pela eloquencia da palavra, ou talvez tentar, a instancias de alguns famosos flibusteiros, a conquista do Mexico ou da ilha de Cuba. Mal acabavam de me atravessar o espirito estas rapidas reflexões, eis que a minha bella interlocutora, aproximando-se de mim, me diz com voz commovida:

— «Pois bem! dir-vol-o-hei: desejava ser homem, para fazer-me homem de negocio! (business man).

«Não invento. Singularidades como estas não se inventam.»

Nova-York não seria grande cidade, se ao lado do luxo se não visse a miseria. São, em geral, irlandezes os que se encarregam d'este triste papel. Esta semente funesta multiplica tanto no solo da vasta Erin, que, a despeito do que se consome no logar, ainda fica muito que exportar para ambos os hemispherios. Estes infelizes emigrados, vindos de tão longe com uma esperança illusoria, podem rigorosamente considerar-se ainda no proprio paiz, tanto são desprovidos de tudo, tanto lhes faltam subsistencia e conforto. Vestidos, se a expressão não pecca por hyperbolica, com os farrapos dos despojos dos ricos, vivem de expedientes e pequenas industrias: exercem os misteres de trapeiros, vendem phosphoros, jornaes, ou, melhor, mendigam com estes pretextos.

Depois do meio-dia Broadway toma outro aspecto. Os homens estão no trabalho: as mulheres, sobre tudo as moças, invadem as ruas. — «As raparigas é que levam na America o que se chama em França vida de rapaz, em quanto os proprios rapazes levam em todas as edades, como já dissemos, vida de homens de negocio. As jovens saem sós a passear dias inteiros nos trajes mais elegantes. Na edade de doze annos já não querem usar senão vestidos de seda. Vão a toda a parte, entram a cada momento nas pastelarias, tomam neve muitas vezes por dia, e comem constantemente doces. Quando voltam ás casas paternas, depois de passeios de muitas horas, ninguem lhes pergunta em que empregaram o tempo. De verão, com um namorado, quando o tem, o que lhes succede sempre mui cedo, correm a cidade; á noite, vão aos theatros, ao campo, em caminho de ferro, ou em barcos a vapor. De inverno fazem em trenós passeios, que ultrapassam muito o dia: tem pas a-porte de casa, e voltam incognitas ao seu quarto, que de ordinario é distante do dos paes.»

Esta extrema independencia das raparigas nos Estados-Unidos é evidentemente consequencia do principio de liberdade, que se deve applicar a tudo; no entanto Comettant dá-lhe outra causa, que tem seu valor na especie, porque é toda commercial.

Os americanos, diz elle, no principio da colonisação, nada esqueceram para garantir o bom exito da sua empreza. Sabendo que a parte mais fraca da especie humana conduziu sempre a mais forte, e que onde a mulher se désse bem e quizesse viver, forçosamente o homem se contentaria e viveria; empregaram todos os meios para attrahir as mulheres, e, como bons negociantes, lhes offereceram *parte nos interesses*. E esta parte é grande.

As bemaventuradas filhas do Novo-Mundo tem todos os direitos, pouco mais ou menos. Por exemplo, apresenta-se uma dama n'um armazem de fazendas da moda. Ao entrar, annuncia que não tem tenção de comprar cousa alguma, mas que entretanto quer ver tudo, examinar tudo, unicamente para passar tempo. Immediatamente e com a maior diligencia começam a abrir e desdobrar á sua vista sem numero de peças de estofos; deixam-lhe provar os chales, os manteletes, as toucas, etc., e levar com isto dias inteiros. Quando estão cançadas d'este prazer, nem mesmo agradecem; fazem um leve signal com a cabeça, a modo de comprimento, e vão-se talvez fazer o mesmo n'outra parte. Os caixeiros tem depois obra para muitas horas, a pôr tudo no seu logar.

Ouçamos outro exemplo citado pelo mesmo viajante. Apresenta-se uma dama para entrar n'um omnibus cheio: immediatamente apparece um homem que lhe dá o seu logar, e isto da maneira mais simples, sem exigir o menor agradecimento, sem mesmo olhar para ella. Esta deferencia era-lha devida. Sobrevem chuva; mulheres que correm em multidão, e se precipitam sobre os omnibus já cheios, vão sentar-se, sem se fazerem rogar, nos joelhos dos viajantes. A principio vão modestamente sentadas sobre a extremidade dos joelhos: depois, ajudadas pelos solavancos do carro, e achando-se mal sentadas, acabam, para sua maior commodidade, por fazer dos homens verdadeira cadeira á Voltaire. O que ha em tudo isto de mais caracteristico é o silencio dos homens, a sua attitude respeitosa, a sua seriedade, contrastando completa e originalmente com a figura das loucas viajantes, que fallam alto, riem ás gargalhadas, e gesticulam como crianças cheias de alegria, porque são levadas á feira.

No armazem de musica de Horace Waters, em Broadway, entram diariamente centenares de damas para escolherem novas composições. Sentam-se ao piano, e muitas vezes no meio de grande concurso de pessoas, que entram e saem no armazem, sem o menor constrangimento misturam valsas e polkas, ou cantam romances. Quando os romances que escolhem são de acompanhamento de côros, chegam a pedir aos caixeiros do armazém, e ao proprio dono, para as acompanharem no canto, a fim de julgarem melhor do effeito geral. Ao chamado de uma dama ninguem resiste; os caixeiros em massa largam o trabalho, saem do mostrador, e vem com o patrão, que no entretanto poz os oculos, grupar-se em roda da cantora. E eis que todos cantam, bem ou mal, com todas as forças, sem a menor preoccupação a respeito de um concerto tão extravagantemente improvisado por uma desconhecida.

E não se pense que esta obediencia passiva a todas as vontades das mulheres nasce unicamente de um instincto de galanteria. A lei protege-as de modo tão imperioso, que se não deve attribuir inteiramente esse merito aos costumes. Que as mulheres tenham na America entre outros direitos o de bater nos homens que as incommodam, dil-o Comettant, e não o desmentiremos. Comprazemo-nos no entanto em crer, que não tem usado d'esse direito, e que por consequencia não ha meio de verificar a exactidão da asserção. O que é, porém, positivo, é que a justiça acceita o seu juramento como prova em casos mui graves. Mas tudo isto, do maximo ao minimo, tambem se dá em Inglaterra: e Comettant, talvez por

não ter habitado este ultimo paiz, omitte esta observação. A fallar verdade, o yankee não é, a muitos respeitos, senão um inglez, visto a um espelho que augmenta. Por ventura o que acabâmos de commemorar não póde, n'uma certa proporção, dizer-se do anglo-saxonio da Europa, tanto como do anglo-saxonio da America?

«Flirtation é uma palavra que significa conversação intima, meio termo entre conversação puramente amigavel, e conversação galante e apaixonada. A *flirtation*, que os americanos pronunciam *fleurteichonn*, nasce evidentemente de dois principios contradictorios: nas mulheres o desejo de agradar aos homens; nos homens, o receio de succumbir ás seducções das mulheres. D'ahi a extrema coquetaria de umas, e a fria reserva dos outros.

«A mulher apparece aos americanos como ameaça aos corações demasiado sensiveis. Não é o cordeiro que teme o lobo; é o lobo que tem medo do cordeiro. Deixae, pois, andar as americanas; que a sua experiencia (porque as americanas tem experiencia em todas as edades), com a protecção das leis, as defenderá sufficientemente contra todo o perigo da *flirtation*. Não tenham tambem o menor cuidado nos *á partes*, entre rapaz e rapariga, pelos cantos das salas, nos theatros, nos bailes, nos *ice-cream saloons* (casas de neve). Os D. Juan, que o medo contém, são muitas vezes mais innocentes do que se crê; e jogam amores, pouco mais ou menos, como as crianças improvisam guerras com espadas de páo e pistolas de palha.

«Se um dos dois *flirtadores* teme ceder á attracção do sentimento, nunca é ella, é sempre elle. Assim, que confiança perfeita não illumina as encantadoras figuras das *young ladies*, e quão admiraveis não são essas grandes discipulas de quinze, e mesmo de dezoito annos, que em traje esplendido, com os livros debaixo do braço, vão pelas ruas, olhando para os homens com affectação, rindo-lhes bruscamente na cara, e obrigando-os a abaixar os olhos!

«Muitas vezes estas discipulas são já noivas, ou simplesmente namoradas de um ou de muitos. Nada é então mais divertido que ver, como em inglez se diz, os *bellos*, d'estas jovens, *espadoal-as* para *flirtar* de mais perto. Na America só marido ou noivo tem direito a dar o braço a sua mulher ou á sua noiva. Quando um homem deseja acompanhar uma joven a um logar publico, anda a seu lado sem nunca lhe offerecer o braço; mas *espadôa-a* á vontade, o que é perfeitamente admittido.

«Eis como se *espadôa* uma rapariga na America: o cavalheiro arredonda o braço, e consolida-o depois sobre a espadoa da rapariga, empurrando-a ligeiramente para diante. Assim se illudem os rigores da etiqueta. Outr'ora os americanos acompanhavam as damas na rua, agarrando-lhes pelo cotovelo. *Espadoar* é já sobre isso um progresso; mas este mesmo progresso começa a ser desprezado nas grandes cidades pela sociedade que se lisonjêa de dar o bom tom, e só ha a classe media, que continúa a escoltar assim as moças nos passeios.»

Os trenós são um dos prazeres favoritos dos habitantes de Nova-York. O inverno que, como se disse, é mui rigoroso n'esta cidade, vem sempre acompanhado do seu cortejo de neve e gelo. Que fortuna, encontrar ao amanhecer a rua coberta de neve até aos primeiros andares! É um instante em quanto a nivelam. Desde que o transito é praticavel, começa de todas as partes um concerto de guizos sonoros, e o cruzamento rapido dos trenós de todas as qualidades. Em Nova-York o trenó deve substituir immediatamente a carruagem: é necessario para conduzir fardos, productos, mercadorias: ao lado do trenó elegante, de cavallos ardentes e brilhantemente ajaezados, ha para o transporte em commum o trenó-omnibus, em que o povo, soberano como é, se faz puxar a seis e a oito cavallos, como outros reis em dias de grande solemnidade. Quem conhece os americanos, adivinha logo que não eram capazes de deixar escapar tão boas occasiões de quebrar o pescoço jogando a quem mais depressa andaria. Assim, de todos os lados improvisam corridas, em que só o mais temerario excita signaes de admiração e applauso. *Go ahead!* O americano deve caminhar sempre, custe o que custar, em trenó, sobre a neve, quando mesmo o caminho não conduza a nenhures. *Go ahead!*

UMA ESTREA POETICA.

Desculpe a joven poetisa, que se esconde, modesta como a violeta, longe do bulicio da cidade, a ousadia de um obscuro prosador que, sem permissão sua, vem apresentar ao publico as primicias da nova cultora da divina arte. A iniciação pertencia de direito a um poeta laureado, se a donzella apresentasse os seus versos fóra do estreito circulo da amizade intima; porém como não succede assim, terá de resignar-se com esta humilde introducção.

F. M. BORDALO.

Vem ver, ó virgem, como surge a lua,
De nuvens nua, como o pensar teu;
Vem ver seus raios, magestosos, lêdos,
Sobre os rochedos, como um branco véo.

Vem ver, ó virgem, como chora a fonte,
Que a tua fronte retratar só quer;
Vem ver o rio como triste corre,
E ao longe morre sem tua imagem ver.

Vem ver a praia de movente areia,
Que tanto anceia pelos passos teus;
Vem ver o Tejo que a dormir suspira,
Ante a saphira que embelleza os ceus.

Do vento frio vem ouvir o açoite,
Vem ver a noite.... vem na praia orar;
E a tua prece.... virginal, sentida,
Será ouvida no supremo altar.

Vem ver a meiga natureza em calma,
Que eleva a alma pelos ceus além;
Não tardes, virgem.... meia noite sôa,
Ai, corre.... vôa.... vem, ó virgem.... vem.

D. MARIA DA ASSUMPÇÃO DA COSTA E SOUZA.

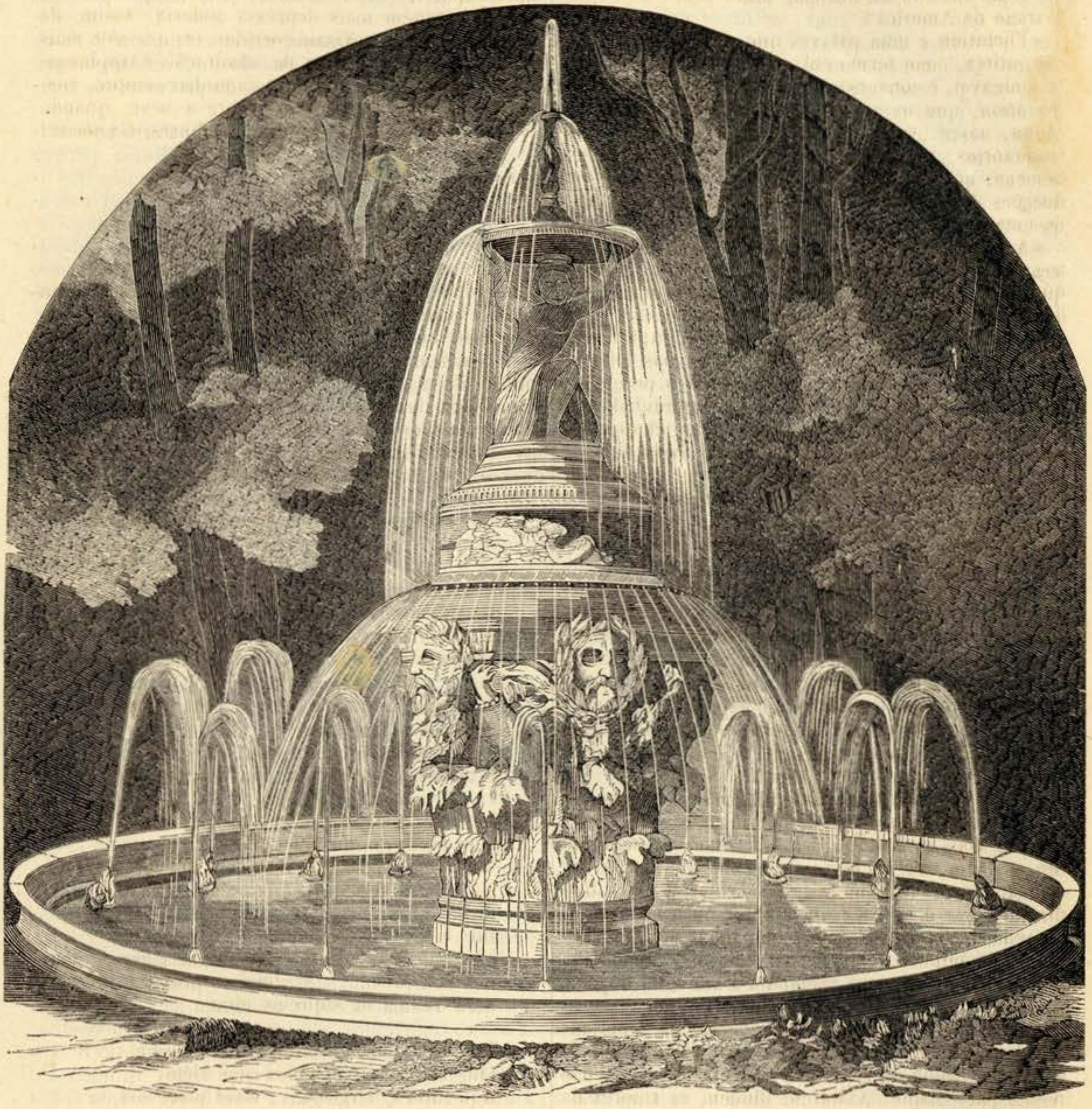
CONSUMO DE PAPEL.

Nos Estados-Unidos o consumo do papel attinge proporções prodigiosas.

Na França, em que ha uma população de 35 milhões de habitantes, a fabricação annual do papel é de pouco mais de 71 milhões de kilog., de que só se exporta uma septima parte.

Em Inglaterra, com a população de 28 milhões, a mesma fabricação ultrapassa um pouco 67 milhões de kilog.

Nos Estados-Unidos a producção total d'esta industria eguala pouco mais ou menos as producções da França e Inglaterra juntas.



Fonte das rãs em Sans-Souci, proximo a Berlim. — Gravura de Flora.

A nossa estampa representa a chamada fonte das rãs, em Sans-Souci, notavel pela riqueza da sua architectura, e mui pittoresco jogo d'aguas.

O tanque é de fórma circular, e no seu interior, encostadas á parede interna da bacia, vinte rãs pintadas de verde repuxam estreitos filetes d'agua, que se curvam e caem para o centro do tanque.

O repuxo principal é formado por um capitel composito, de phantastica e graciosa combinação. Nas quatro faces do prato d'este capitel vêem-se quatro aguias com as azas abertas, e entre ellas quatro cabeças coroadas de louro. Sobre o capitel assenta uma estatua figurando um menino ajoelhado, sustentando na cabeça e com as mãos um vaso, de cujo centro sae um pequeno tubo d'onde sobe uma lança d'agua que, em fórma de campainha, cae no vaso, e se tresborda pelo seu resbordo labiado. Da base, composta de um tambor revestido de um baixo relêvo representando peixes e outros animaes marinhos da fabula, que supporta a estatua, numerosos filetes d'agua repuxam e vão cair no tanque.

H.

MAIS UMA EPIDEMIA.

Mr. Ravel, na quinta de Genebra, acaba de inventar um canhão que dá 20 tiros por minuto, e, *em caso de necessidade*, mesmo 30. Os ensaios que se fizeram nas margens do Rhodano deixaram altamente satisfeitos os entendidos, e assombrados os circunstantes.

L.

DANTE.

IV.

Estudemos agora a influencia que o exilio de Dante exerceu sobre o seu espirito.

Que tem (dirão alguns) os filhos do XIX seculo com as velhas discordias politicas de ha seiscentos annos? Que temos com os *guelfos*, e com os *gibelinos*; com os *brancos* e com os *negros*? Temos muito. Se não é pelas relações com os partidos, e successos do seu seculo, que é preciso julgar um homem como Dante; mas pelas suas relações com o movimento da humanidade, o conhecimento da historia dos partidos e successos, com que a vida do poeta italiano prende, é entretanto necessario para nos dar explicação da sua obra. Dante, depois de exercer magistraturas e funcções publicas, foi expulso de Florença por uma facção popular. É então que, sob a pressão dos sentimentos que lhe excitava o seu exilio, muda de opinião politica: de guelfo (do partido do sacerdocio) faz-se gibelino (do partido do imperio).

Visto de perto, visto na scena em que viveu, Dante é homem de auctoridade; visto a distancia, visto na scena em que se agitam depois do XIII seculo as questões religiosas e sociaes, Dante é homem de liberdade.

Pela feição do seu espirito, se assim se póde dizer, pelos traços aquilinos da sua physionomia, o poeta pertence á dignidade imperial; pela elevação do seu caracter, pelo presentimento do futuro, declara-se ao mesmo tempo contra as invasões da egreja romana, e oppõe-se á alliança do papado com os povos, que, vistas as intenções da santa sé, devia terminar pela sujeição da Italia ao poder clerical. Entre tyrannia e tyrannia, escolhia a que não absorvia nas suas attribuições o principio religioso, e devia pesar menos sobre os progressos do entendimento humano.

O exilio dilacerou-lhe o coração. Deixára em Florença sua mulher, e o resto da familia. «Não teve (diz Boccacio, a quem se devem estes particulares) inquietação por Gemma, porque sabia que ella estava ligada por parentesco a alguns dos chefes do partido contrario: mas o infeliz andava aqui e alli errante, e sua mulher vivia mesquinhamente com seus filhos, pobre, forçada a recorrer a uma industria desusada.»

Em Dante havia do gibelino e do guelfo; do *grande* e do *poplo;* do proscripto e do senhor.

A sorte d'este exilado, que gastava a sola dos sapatos a subir escadas estrangeiras, interessa-nos, porque o genio, signal distincto entre os homens, o ferira na fronte; porque arrastava, fugitivo, pela Italia, e pela França, destino amargurado; porque fôra perseguido pelo odio e injustiça de seus concidadãos; porque nada tinha de seu, nem mesmo o pão de cada dia, que recebia da caridade; nem mesmo a cabeça, que estava condemnada ao fogo pelo conselho de Florença. Entretanto, desamparado e padecente, a sua condição era digna de inveja, porque elle era arbitro do seu seculo na posteridade. Que saberiam os vindouros de muitos personagens de Florença, se Dante os não tivesse honrado com o seu odio? A vingança dos poetas differe das outras vinganças: não mata, aviventa.

A colera de Dante é terrivel! Faz tremer e alegrar ao mesmo tempo, vel-o remexer nas chammas eternas todo esse feixe de máos padres, de máos governadores da cidade, de máos cidadãos. O gibelino não se contenta com abalar a dominação temporal da santa sé; mette dentes como enfurecido no cerebro dos papas.

No meio das suas coleras, inspiradas por um sentimento de justiça, Dante amava sempre entranhadamente a sua terra, nas recordações de Florença e nos enternecimentos do exilio.

Foi elle que escrevia a seus concidadãos estas palavras tocantes: «*Pupule mi, quid feci tibi.* Povo meu, que te fiz para me privares do ceo e affeições da patria!»

O exilio é meio de que se serve a Providencia para misturar as raças, e espalhar pelo mundo as idéas do porvir.

Dante visitou a França, e frequentou em Paris as escholas de theologia na rua do Fouare. Dizem que foi testimunha d'alguns actos do processo dos templarios.

O gibelino deveu fortalecer-se em Paris no sentimento de opposição ás usurpações de Roma, porque a França continha já no XIII seculo o germen das liberdades gallicanas, que o genio de Bossuet defendeu mais tarde contra o zelo dos ultramontanos.

Accusam Dante de ter excitado a espada estrangeira a cair sobre o seu paiz. A verdade é, que tendo o imperador d'Allemanha apparecido em armas diante de Florença, Dante o acompanhou com seus votos pelo bom exito d'esta expedição na Italia. Não queremos desculpar este sentimento indesculpavel: a patria é sempre patria; ingrata, maldiz-se, mas prefere-se morrer a vel-a preza do inimigo. Nenhuma politica auctorisa favorecer, nem mesmo indirectamente, a invasão do territorio nacional.

Entretanto o poeta creu, sem duvida, obrar, se não como bom cidadão, ao menos como philosopho. Acima das discordias dos partidos, que dividiam a peninsula; acima das facções que agitavam Florença; acima mesmo da nacionalidade italiana, via o seu espirito dogmatico pairar cousa maior, mais sagrada ainda, a separação da egreja do estado, a alforria da razão humana.

Suppunha que a intervenção do imperador d'Allemanha era necessaria para oppor ás emprezas do passado um limite insuperavel. «Dante, na sua *Monarchia*, (diz M. Artaud), não desterrou da peninsula a auctoridade pontifical; submetteu-a sómente á auctoridade do seu Henrique VII. O papa póde continuar a *regere* em Roma, comtanto que Cesar tenha o direito de ahi *imperare*.»

É curioso aproximar d'esta opinião do poeta a opinião de Napoleão.

Em 1806 Bonaparte escrevia a Pio VII: «Vossa santidade é o soberano de Roma, mas eu sou o imperador.»

Entretanto, quer Dante só quizesse fazer predominar a dignidade imperial sobre os poderes do passado, quer reduzir o chefe da egreja ao exercicio das funcções espirituaes, sempre do seu systema resultava diminuição de auctoridade para a côrte de Roma. Ainda que fluctuante, ainda que ligado ultimamente a um partido que desligava seus interesses da causa do povo, Dante nos fins do XIII seculo não desempenha menos uma missão abençoada para a humanidade, separando os dois poderes, isolando o pontifice do soberano, o successor de Jesus Christo do successor dos Cesares.

Era preciso que a dedicação do poeta pela liberdade de consciencia, pela liberdade religiosa, fosse mui grande para que lhe sacrificasse o proprio sentimento nacional!

Não ha muito tempo que se perguntava se Dante era ou não herege? Hoje a solução d'esse problema interessa pouco á humanidade. O que é certo, é que fez opposição ao papa; é que, respeitando sempre no chefe da egreja os poderes que recebêra de Jesus Christo, fulminou os direitos que julgava ter á espada, e n'um tempo em que a egreja estava estreitamente abraçada com a vida civil, separou na Italia o que eram crenças do que eram opiniões nacionaes.

Pôr um papa no inferno, separar d'est'arte a responsabilidade humana da infallibilidade dos poderes

religiosos, se não era lançar-se no caminho do scisma, era ao menos mostrar ás heresias e ás criticas das epochas subsequentes o ponto vulneravel. N'esta parte Dante, sem o saber, mostrava-se precursor de Luthero.

A consciencia do auctor da *Divina comedia* estava compromettida nos dogmas do catholicismo, mas a razão não lhe estava presa senão por um fio; esse fio devia quebrar-se na humanidade.

V.

Dante teve a principio a idéa de escrever o seu poema em versos latinos. Os grandes espiritos do seu tempo, os doutos, os litteratos, desprezavam a lingua vulgar, ou como então diziam, a lingua barbara. Que restaria da idéa da *Divina comedia*, se Dante cedesse a este prejuizo do seu tempo? Que seria de toda aquella seiva, se, por infausta condescendencia, ou falso orgulho, o poeta a tivesse vinculado á arvore morta da latinidade? Os privilegios de lingua não são nem mais fundados em direito, nem menos estereis que os privilegios de todas as aristocracias. Foi no idioma popular que os grandes escriptores beberam o elemento do seu estilo.

Ainda que fiel ao dogma catholico, Dante transforma as suas alegrias, ou penas, nos castigos ou recompensas que descreve. O que com as nossas crenças misturâmos de pessoal é que faz o encanto da poesia.

Se se não procura explicação da *Divina comedia* senão no coração do poeta, acha-se que os tres actos d'este grande drama sobrenatural correspondem ás tres principaes divisões da sua vida: a sua infancia e amor de Beatriz, ao paraiso; a sua parte no governo de Florença, no meio das perturbações e das facções, ao purgatorio; o seu exilio, ao inferno.

O que elle inverteu foi a ordem: a *Divina comedia* termina com o paraiso, a vida do poeta com o inferno. Outro poeta disse que Deus puzera o mais bello da vida no principio. *Tout au commencement.*

O assumpto da *Divina comedia*, ainda que inspirado por lembranças e sentimentos pessoaes e religiosos, é, primeiro que tudo, assumpto social. Então, como sempre, a sociedade não era senão uma impressão do dogma. O mundo visivel constituira-se á imagem do mundo invisivel. A grande divisão das tres zonas sobrenaturaes achava-se sobre a terra na divisão das tres ordens, povo, burguezia, nobreza.

Muitos condemnados, alguns absolvidos, poucos eleitos, eis toda a sociedade da edade media.

Ainda que o merito da grande trilogia fosse um mysterio para o seculo em que o poema foi composto, nem por isso Dante, pelos seus talentos gozava menos de certa consideração. É mais facil recusar justiça aos grandes homens, que recusar-lhe admiração. O seculo que vê nascer um dos prophetas da humanidade, pode conhecel-o mal, e negal-o na cara até tres vezes; mas a voz da consciencia, junta á voz do gallo, cantor da aurora e do futuro, tudo diz: este é o senhor: *magister adest!*

Quando o povo, que tem o senso intimo das cousas, via passar aquelle velho, queimado, de capa preta, cabellos em desordem, e barba comprida; quando mulheres e crianças apontavam para elle, dizendo: «É o homem que vem do inferno!» — quando procuravam com inquieta curiosidade os vestigios que o commercio infernal tinha deixado no seu rosto; Dante, fugitivo, errante, pobre, não era menos aquelle homem que devia sobreviver á sua epocha, não era menos poeta, titulo que desde então lhe deu toda a Italia.

A consciencia do seu valor pessoal não lhe faltava. Conhecia bem ser a alma da sua cidade, e do seu seculo, quando levantando-se um dia discussão tempestuosa no senado de Florença, pronunciou estas palavras memoraveis:

«S'io vo chi sta, et s'io sto chi va?»

Se eu vou, quem fica, e se eu fico, quem vae?

A despeito d'esta nascente gloria, Dante não era feliz. Depois de ter tratado com grande inquietação do seu espirito todos os conhecimentos do seu tempo, depois de ter percorrido o mundo material e sobrenatural, estava cançado, physica e moralmente, de pensar e caminhar. Conta-se que tendo-se demorado n'uma egreja para repousar, ahi ficára até á noite. O encarregado de fechar as portas veiu perguntar-lhe então, que procurava, porque as vistas do poeta annunciavam sempre a agitação de sua alma. Dante olhou para elle fixamente, e respondeu-lhe: — a paz!

Aos quarenta e seis annos de edade teve-a, porque o colheu a morte.

Vêde o retrato que d'elle nos deixou Boccacio: — «Dante foi de estatura mediana: tinha cara comprida, nariz aquilino, olhos mais grandes que pequenos, barba aguda, labio inferior excedendo o superior; a côr era trigueira, a barba e cabellos espessos, negros e frisados, o rosto melancolico e pensativo.»

Inda que naturalmente grave, ás vezes esquecia-se á mesa a cantar com voz forte.

VI.

Dante é uma das grandes figuras da humanidade. Herege ou não, póde considerar-se como precursor de todas as reformas que desde o XIII seculo tem propendido a circumscrever a religião nas consciencias, e a separar d'ella os interesses humanos.

Guelfos e gibelinos, todos se enganavam, uns procurando a unidade da Italia no poder pontifical, outros na intervenção d'um principe estrangeiro; quando essa unidade só podia e póde encontrar-se na liberdade verdadeira, e no desenvolvimento do sentimento nacional. Perdoemos tambem a Dante, porque ainda que em erro n'essa parte, não se enganou a outros respeitos, e tomou as armas da poesia (que não são as menos perigosas) para combater as invasões do poder espiritual sobre o temporal; lembrando ao pontifice, que se era bispo de Roma, e pae da egreja catholica, a respeito de coroa, Christo só lhe legára uma coroa de espinhos.

A influencia d'este primeiro ataque ao poder material do papado, é sensivel em toda a sequencia da historia. O caracter de Dante passou ás veias do povo italiano. A sua idéa preside aos destinos d'esse povo. Na ultima revolução da Italia, no estilo imaginoso da constituinte romana, ha poesia de Dante. Em Garibaldi ha essa poesia feita homem.

Com o tempo o poder dos papas tornou-se vassallo da potencia estrangeira, que na edade-media contrabalançavam. O resultado era inevitavel. O enfraquecimento das crenças, religiosas, a falsa posição que o chefe do catholicismo tomára, associando-se aos interesses da auctoridade, tudo devia dar razão a Dante.

Tanto mais o principio christão era inimigo da materia, tanto mais o contacto dos interesses pagãos lhe devia ser fatal.

Quando, depois d'uma revolução que destruíra em França a realeza, este mesmo estado, por uma fatalidade politica que não é sem explicação, voltou por fim armas contra a republica romana, e foi restabelecer a soberania pontificia, contra a qual já protestava a liberdade de consciencia no XIII seculo; que encontraram sobre as trincheiras da cidade eterna? A sombra de Dante.

Essa grande sombra cobria a liberdade romana, violada pelas baionetas estrangeiras!

O povo é poeta. Ama-se a si proprio nos prophetas

da lyra, que cantam os destinos sociaes e religiosos da humanidade. Cedo ou tarde ha de Dante retemperar nas suas veias a raça humana enfraquecida. O pensador que ousou precipitar a tiára no fundo do inferno, cedo ou tarde destruirá as pompas e as dignidades mundanas da egreja, de que a religião christã não precisava, ha dezoito seculos, para converter o mundo á fé de doze pescadores.

DANSA DOS DERVICHES.

O convento dos derviches, em Constantinopla, chama-se *Tékié;* a sua dansa, *sémá;* e a sala onde se fazem os exercicios, *sémé-klané.* Esta sala differe das outras, por ser formada sob um zimborio sustentado por sete columnas de páo. Muitas inscripções onde se lêem os nomes do fundador, a profissão de fé, os nomes d'Allah e dos quatro primeiros califas, bem como sentenças de moral, ornamentam suas paredes, e são o assumpto dos quadros dourados que as embellezam.

Os *mewlewis*, ou os *derviches* que se entregam á pratica de *sémá*, não dansam publicamente senão no numero de nove, onze ou treze. O seu piedoso exercicio é uma especie de valsa que se faz, a pé nu e rodando sobre o calcanhar direito, com os olhos fechados e os braços abertos, aos sons d'uma orchestra, composta de tamborins e d'uma especie de flautas, a que dão o nome de *veih*.

A maior parte dos *mewlewis* são musicos, e cultivam com talento o psalterio, a cytara, o rabecão, a flauta, e o tamborim. As melodias que elles desferem d'estes instrumentos, são de uma expressão suave, pathetica, original, e admiravelmente appropriada á sua dansa. A symphonia de Beethoven, as *Ruinas d'Athenas*, póde dar uma idéa d'estas melodias, das quaes o grande artista tinha evidentemente conhecimento.

A *sémá* lenta e contínua, guiada por uma musica á qual os derviches se habituaram desde a infancia, exalta a sua imaginação e transporta-os a um verdadeiro delirio que os põe, dizem elles, em relação com os astros, cujo duplo movimento imitam, rodando sobre si e em tôrno da sala. Esta rotação obra evidentemente sobre o cerebro, e, seja por compres-



são, ou por outra qualquer causa, cria uma especie de stupor, de suspensão da existencia, durante a qual a alma nada no vago e se torna estranha ás cousas do mundo.

As communidades dos derviches, muitas vezes ricas, vivem na abstinencia, e não se permittem luxo algum, a fim de distribuir aos pobres o excedente de suas rendas. Os mewlewis de Tékié de Péra, em Constantinopla, são os bemfeitores d'esta cidade, e seu *cheik*, tão veneravel quanto intelligente, é adorado de todos e consultado repetidas vezes pelo proprio sultão, em conferencias secretas; por cujo facto se desconfia ser politica esta seita; e como os seus membros exercem profissões que os põem em relação com o povo, assegura-se, até, que elles são os instrumentos secretos da policia do governo.

Pelas suas praticas mysticas, reputação de santidade e sciencia, são os derviches olhados pelo povo como santos e seres sobrenaturaes. Interpretam os sonhos, e curam com remedios espirituaes os males da alma e do corpo.

N. S.

ANIMAES NAS REGIÕES ARCTICAS.

O dr. Scorèsby assegura, que não ha no mundo paiz em que o reino animal esteja espalhado com maior profusão, como na Groenlandia, no Spitzberg, na bahia de Baffin, e n'outras partes das regiões arcticas. Attribue este phenomeno á abundancia e qualidades nutritivas dos alimentos fornecidos pelo mar. O numero dos passaros é infinito. Um dia, a bordo, calculou approximadamente em perto de um milhão os falcões que em bandos tinha á vista. Com auxilio do microscopio pôde verificar que as differentes côres do mar, que variam desde verde carregado até azul vermelho ou roxo, eram produzidas por animalculos, diversamente córados. Chegou a contar n'um simples pingo d'esta agua, até 26.000 d'estes infinitamente pequenos.

Explicação do enigma do numero antecedente.

Lagrimas e saudades são a nobreza da alma.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão, rua da Boa-Vista, 4 B.